

---

## **Vozes da Jornada Esportiva da Rádio Gaúcha: Uma Análise dos Modos de Narrar de Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo De Bona<sup>1</sup>**

Rafael FAVERO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### **RESUMO**

Este artigo analisa a performance de Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo de Bona, narradores da Rádio Gaúcha. O trabalho se baseou em transmissões do Campeonato Brasileiro de 2020. Foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a narração esportiva, além de entrevistas semiabertas com os profissionais. As informações coletadas foram organizadas em três categorias analíticas, desenvolvidas a partir de conceitos de rádio e jornadas esportivas (FERRARETTO, 2000), linguagem esportiva (GUERRA, 2000 e 2012) e narração esportiva (SCHINNER, 2015), entre outros. Notou-se que os narradores da emissora buscam dar o máximo de detalhamento na descrição dos lances, com a responsabilidade de mediar e informar os ouvintes, com foco no jornalismo esportivo e na emoção, sem distorção dos fatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** narração; esporte; jornalismo; rádio gaúcha; futebol

### **Introdução**

Produzido a partir de uma pesquisa desenvolvida no âmbito das disciplinas de Teorias Aplicadas em Comunicação (TAC) do curso de Comunicação Social – Hab. Jornalismo, o artigo a seguir é uma síntese da monografia do autor, escrita ao longo de 2020.

No que diz respeito ao tema do trabalho, tudo pode começar ao redor de uma mesa de futebol de botão, no campinho do bairro, no estádio, ou à beira do rádio. A paixão pela narração esportiva é algo que bate forte no coração de muitos brasileiros, afinal, ela une, com essa modalidade esportiva e esse veículo de comunicação, dois grandes amores da população.

No Rio Grande do Sul, a emissora mais conhecida no que diz respeito à cobertura esportiva é a Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, que possui antenas ou emissoras que retransmitem a sua programação em praticamente todo o território gaúcho e até em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social – Hab. Jornalismo da UFSM, e-mail: rafaelfavero.jornalismo@gmail.com

---

outros Estados do Brasil. Logo, os narradores dela se tornam referência para quem narra futebol.

Diante disso, procurou-se entender se os três principais narradores da emissora, Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo de Bona, possuem características em comum na forma de narrar futebol que possam ser utilizadas como diretrizes por aqueles que querem começar ou precisam se aprimorar na função de narrador de rádio. Nesse contexto, buscou-se, como objetivos específicos, identificar como os narradores da Rádio Gaúcha atuam para descrever de forma satisfatória o que acontece durante os 90 minutos de uma partida de futebol. Ou seja, a pesquisa analisou o trabalho do narrador, a partir do apito inicial do árbitro, quando o jogo efetivamente começa, até o apito final. Ignorou-se o trabalho que o narrador tem na transmissão antes de a bola rolar, já que a intenção é analisar as dinâmicas de atuação dentro do cenário apresentado pela partida em si.

Também se objetivou entender como os três narradores organizam a participação dos demais integrantes da equipe de uma jornada esportiva (comentarista, repórter e plantão), já que é o narrador a voz que mais aparece em uma transmissão. Ainda dentro do contexto de atuação da função do narrador na Rádio Gaúcha, procurou-se identificar quais são as estratégias discursivas que os três narradores utilizam para situar o ouvinte sobre a importância da partida que estão transmitindo, afinal, o jogo não deixa de ser um produto radiofônico que tem significados para o público ouvinte.

Para se obter os indícios que pudessem balizar a pesquisa, optou-se por ouvir e analisar três transmissões da emissora. Uma de cada narrador. A primeira foi da partida entre Flamengo e Santos, narrada por Gustavo Manhago, em 13 de dezembro de 2020. As outras duas foram entre Grêmio e Atlético-GO e Bahia e Internacional, narradas por Marcelo de Bona e Pedro Ernesto Denardin, respectivamente, em 27 de dezembro de 2020. Assim, foram contemplados jogos de Grêmio e Internacional, os dois clubes do Rio Grande do Sul que movem o trabalho da imprensa esportiva no Estado — em cidades do interior, algumas emissoras ainda focam nos clubes de suas cidades. Ao mesmo tempo, para não deixar escapar possíveis alterações na forma de narrar quando nenhum time gaúcho está em campo, ouviu-se também uma partida entre um clube do Rio de Janeiro e outro de São Paulo, já que essas transmissões são feitas quando não há jogos da “Dupla Gre-Nal” nas datas costumeiras do futebol, aos sábados e domingos.

---

Todas as partidas analisadas são do Campeonato Brasileiro de 2020, realizadas no mesmo mês, em dezembro. Optou-se por pesquisar jogos somente do mesmo torneio para eliminar o máximo de variantes que os diferentes contextos e fórmulas das competições podem causar na narração.

É importante ressaltar que o Brasileirão, em anos “normais”, geralmente começa em maio e se estende até dezembro. Em 2020, porém, a pandemia de coronavírus<sup>3</sup>, que assolou a saúde mundial, fez com que as competições de futebol fossem suspensas em março, e o Campeonato Brasileiro começou somente em agosto, sem a presença de público nos estádios para evitar aglomerações e respeitar as medidas de distanciamento social apregoadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O caos na saúde trouxe, evidentemente, consequências também para o trabalho da imprensa. Os profissionais não puderam mais ir até os estádios devido às regras de funcionamento que permitiram o retorno do futebol.

Para se levantar os indícios que pudessem apontar para a resposta dos objetivos da pesquisa, o trabalho iniciou-se com a escuta de jogos e a pré-observação de indícios, marcas, elementos da jornada esportiva e características dos narradores e suas performances nas transmissões. A partir da identificação de tais marcas, então, realizou-se o encaminhamento de uma pesquisa bibliográfica capaz de auxiliar na compreensão do contexto discursivo.

Conforme a conceituação de Ida Regina C. Stumpf (2009), resultando em um texto sistematizado que soma trechos de observações dos autores e também as percepções próprias do pesquisador, a pesquisa bibliográfica contemplou a narração esportiva e tudo o que pudesse estar interligado com a prática.

A pandemia de coronavírus dificultou, no período de elaboração do trabalho, de março de 2020 a janeiro de 2021, o acesso ao material bibliográfico existente, já que, em função das restrições de circulação de público, as bibliotecas e outros centros acadêmicos ficaram fechados. Entretanto, mesmo assim, se teve acesso a uma imensa gama de materiais, por meio de livros emprestados ou outros materiais digitalizados disponíveis na internet.

---

<sup>3</sup> Proliferação em massa do vírus da doença Covid-19, que começou em Wuhan, na China, e se espalhou por diversas partes do mundo. Até o fechamento deste trabalho, o coronavírus (SARS-CoV-2 – nome oficial) havia infectado 8.638.249 pessoas no Brasil. Além disso, somente território brasileiro, 212.831 forma vítimas fatais da doença. Em todo o planeta, 96.218.601 de indivíduos foram infectados e 2.058.534 morreram por conta da Covid-19. Fonte: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> e <https://coronavirus.saude.gov.br/> - acessados em 20/01/2021

---

Ao pensar de forma conjunta o que as bibliografias pesquisadas, estabeleceu-se três categorias para analisar a construção do discurso dos narradores: descrição dos lances da partida; o narrador como organizador da jornada; e informação e contexto. Para se chegar a essas categorias, também, é claro, se levou em consideração a audição de três partidas de futebol transmitidas pela Rádio Gaúcha em dezembro.

A partir delas, anotações em documento digital, no software Word<sup>4</sup>, foram feitas para pontuar o que chamava a atenção dentro do que foi delimitado pelo problema de pesquisa.

Contudo, antes de se entrar na análise das performances dos narradores em si, é importante apontarmos fatores que compõem o meio onde estão inseridos, começando pelas chamadas “jornadas esportivas”, que nada mais são do que espécies de programas radiofônicos comandados pelos narradores, até a linguagem utilizada por eles ao tratar do fato que observam, ou seja, a partida de futebol.

### **As jornadas esportivas**

Enquanto, por um lado, o rádio engatinhava no mundo, no início do século 20, o futebol já avançava pelos campos da Europa e, é claro, do Brasil. Aliás, é inegável que não é difícil entender a fulminante difusão do futebol pelo mundo. As goleiras são facilmente improvisadas com chinelos ou madeiras, e o campo pode ser o pátio de casa ou até mesmo a rua. Essa característica — a facilidade de ser jogado —, permitiu a expansão rápida do futebol no Brasil, que também coincidiu com a expansão do rádio no país, principalmente a partir de década de 1930, quando, conforme Guerra (2000), Nicolau Tuma, da Rádio Educadora Paulista, ficou responsável por transformar o que antes era apenas informado por notas rápidas em um “espetáculo radiofônico”, isto é, ele precisou narrar todo o jogo e não mais informar somente o resultado, a exemplo do que as rádios faziam até então.

Tuma foi, naquela oportunidade, obrigado a fazer algo que Robert McLeish (2001) considera essencial para o rádio: ir até onde as pessoas estão. Como as praças (estádios de futebol, como os atuais, ainda não eram comuns) estavam reunindo cada vez mais pessoas, era necessário um profissional do rádio no local.

---

<sup>4</sup> Software para criação e edição de textos em computadores e dispositivos móveis. Fonte: <https://support.microsoft.com/pt-br/office/o-que-%C3%A9-o-word-ae9c7ff-f9c5-415f-80dc-103ad5e344d7> – acessado em 11/01/2021

---

Foi a partir desse momento que as chamadas “jornadas esportivas” começaram a tomar forma, pois os locutores precisaram transformar o futebol em algo atrativo não só para quem praticava, mas também para quem ouvia. No decorrer desse processo histórico, é possível observar como as jornadas esportivas e os profissionais que nela atuam foram, é claro, atualizando-se conforme as necessidades do público moderno e da evolução técnica do rádio.

Atualmente, é possível estabelecer um modelo básico de como funcionam das jornadas esportivas. O trabalho jornalístico nesse “grande programa” inicia com base em um roteiro previamente elaborado, segundo Ferraretto (2000). Com o ponto de vista do trabalho jornalístico e também, comercial, com a organização das inserções das leituras dos textos publicitários, esse roteiro é feito por um produtor, outra função importante para que a transmissão aconteça dentro do esperado. Ferraretto (2000) avança na descrição de cada função, para esclarecer o que cada um faz na transmissão. “O narrador comanda, os repórteres trazem as informações mais atuais, complementadas por dados de arquivo fornecidos pelo plantão. O comentarista analisa tudo, situando ainda mais o ouvinte” (FERRARETTO, 2000, p 322). Além disso em as jornadas esportivas do rádio no Rio Grande do Sul têm contado com a função do comentarista de arbitragem, dedicada a analisar a atuação do popular “juiz”, bandeirinhas e auxiliares.

Além de entender “o que” os profissionais — especialmente, no caso dessa pesquisa, o narrador —, fazem, também emerge a necessidade de compreender “como” fazem.

### **Como falar em esportes no rádio**

No entendimento de Milton José Pinto (2002), não há como descolar qualquer produção verbal do contexto socio-cultural no qual o indivíduo está inserido. A linguagem verbal e outras semióticas (imagens, por exemplo) são partes integrantes da sociedade. Por meio da utilização delas, surgem interações entre emissores e receptores (quem produz um texto e quem o recebe), e, a partir dessas interações, ocorrem jogos de poder, influência e, também, de reconhecimento de uma parte a outra, afinal, para ser entendido, é preciso utilizar códigos que façam sentido para todos os envolvidos no processo de comunicação.

---

Para que esses efeitos de sentido possam ser recuperados em uma análise, demonstrando que tal discurso veiculado pela mídia, por exemplo, teve efetivamente alguma espécie de poder sobre os receptores, é necessário que eles tomem à forma de sentidos produzidos, investidos em textos como conversas, gestos, comportamentos, entrevistas de pesquisa, etc., que definem por sua vez determinadas relações e identidades sociais assumidas por esses receptores (agora emissores), as quais são então devolvidas ao tecido infinito da semiose social.” (PINTO, 2002, p 47).

Logo, a relação entre os textos de uma linguagem não é unidirecional. Eles só existem a partir de uma relação com o outro. Produção e consumo se alimentam mutuamente na hora de formar o que é produzido e consumido, a linguagem.

No caso da construção da linguagem esportiva no rádio e, mais especificamente, do narrador de futebol, Ednelson Florentino da Silva (2008, p 32) afirma que características como clareza e objetividade fazem parte da linguagem radiofônica. Além disso, segundo Silva (2008), o sucesso do estilo de narração do profissional está diretamente relacionado à capacidade de os ouvintes compreenderem o que é descrito por ele.

Ainda quando se trata da cobertura esportiva no rádio, José Maurício Capinussú (1998) adiciona outros elementos à composição da linguagem. Para ele “o linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir ao comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista da maior audiência” (CAPINUSSÚ, 1988, p 15). E a linguagem utilizada pelos narradores de futebol tem características únicas. Ao mesmo tempo em que o comunicador busca se aproximar do público utilizando expressões que fazem parte da sua rotina, os ouvintes também se apropriam das expressões utilizadas pelo narrador. Esse fenômeno é fruto do casamento dessas duas paixões do brasileiro: o rádio e o futebol.

Narrador e ouvinte passam a ser íntimos depois de determinado tempo de convívio. Como um casal, eles se conhecem com um olhar, ou melhor, com uma palavra. E esse casamento é alimentado pela criatividade dos locutores. Márcio Guerra diz que as expressões criadas pelos narradores “transformam-se em verdadeiros códigos com a composição da imagem do jogo” (GUERRA, 2000, p 52).

Os termos muitas vezes utilizados comprovam, novamente, a busca pelos bordões da cultura das ruas. Em alguns casos, as definições são inusitadas, mas, mesmo

---

assim, o narrador consegue passar exatamente para o ouvinte aquilo que acontece no estádio.

A pequena área é chamada de “zona do agrião”, o grande círculo é o “caroço do abacate”. E as posições dos jogadores também ganham outros nomes. O goleiro, quando fecha o gol, passa a ser uma “muralha humana”. O meio-campo habilidoso nos lançamentos e que procura alternar as jogadas de ataque é “aquele que joga como para-brisa”. O treinador, caso adote esquema tático mais fechado, é o “retranqueiro”, e alguns, por sua personalidade, como Luiz Felipe Scolari, se tornam referências a outros: “Fulano adota o estilo Felipão”. (GUERRA, 2000, p 53).

Porchat (1993, p.84) considera que os radialistas que trabalham com a transmissão de eventos esportivos o fazem para dois públicos, o que não vê o jogo e o que vai para o estádio, vê o que acontece no campo, mas leva junto consigo o rádio. Podemos adicionar aqui também hoje quem assiste à partida na televisão e ouve a jornada radiofônica simultaneamente. Nesse contexto, equilibrando-se entre o encadeamento de informações apuradas, necessárias para o evento seja compreendido melhor pelo ouvinte, e a necessidade de manter a atenção do mesmo, o narrador aparece com o centro da transmissão esportiva, segundo Ferraretto (2000, p. 325).

Carlos Fernando Schinner (2015) aponta cinco técnicas fundamentais para qualquer indivíduo que queira se aventurar no mundo na narração esportiva. A primeira delas é a improvisação. A capacidade de lidar com o inesperado é um dos trunfos que o locutor esportivo precisa ter. A segunda técnica fundamental definida por Schinner (2015) é a memorização, já que existe, por exemplo, a necessidade de se decorar o nome de todos os envolvidos no espetáculo esportivo. A terceira técnica é a da fonoaudiologia, ou seja, atenção à qualidade da fala. Narradores precisam ter boa dicção para não distorcer a mensagem, até para que a mensagem surta o efeito esperado nos ouvintes. No mesmo sentido, a entonação da voz também deve representar, com emoção e fidelidade, o sentimento vindo dos estádios. A quarta técnica fundamental citada por Schinner (2015) é o domínio da narração em si. Ao saber que está escalado para cobrir determinada partida, o narrador deve buscar todas as informações sobre o evento e equipes envolvidas. Por fim, a quinta técnica colocada por Schinner (2015) é a de apresentação e entrevista. Atualmente, narradores de futebol não são profissionais limitados a apenas transmitir o jogo em si, ao vivo. Na profissão, eles precisam apresentar, ancorar, mediar, entrevistar, entre outras funções.

---

Dentro dos aspectos que os narradores precisam estar atentos para realizar uma transmissão a contento, Guerra (2012, p 72) acrescenta que “toda narrativa dos acontecimentos está estruturada no clímax, complicação e resolução”. Ou seja, a descrição do jogo é composta também por comentários e outros artifícios de discurso que auxiliam no estímulo à imaginação do ouvinte. Ao longo da narração, o locutor pode falar se o lance poderia ter ocorrido de outra forma, avaliar se um chute foi bom ou ruim, por exemplo.

Barbeiro e Rangel (2006) ainda chamam atenção para a dinâmica. A dinâmica não significa que as narrações têm de serem feitas em alta velocidade. Elas precisam ter ritmos alternados. Somando-se a todas essas características, Porchat (1993, p 85) acrescenta que o narrador de futebol é “os olhos do público”. O ouvinte, segundo ela, espera uma transmissão que reflita o clima dos estádios.

A partir desse compilado bibliográfico sobre o trabalho, analisou-se as performances dos narradores da Rádio Gaúcha a partir da ótica da “descrição dos lances da partida”, do “narrador como organizador da jornada” e da “informação e contexto”, as três categorias analíticas do trabalho.

### **As performances**

Os três principais narradores da Rádio Gaúcha, Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo de Bona, se revezam nas escalas de transmissão das partidas, no meio e nos finais de semana, além de, claro, ocuparem outras funções dentro da emissora, como apresentação de programas e realização de comentários dentro de programas.

O trabalho deles foi analisado a partir de três jogos de futebol. As três partidas foram narradas com o narrador assistindo a partida pela televisão, no estilo off-tube<sup>5</sup> prática que foi predominante no ano de 2020 em função da pandemia de coronavírus, que fez com que as autoridades públicas implantassem medidas de restrição de circulação de pessoas e distanciamento social.

---

<sup>5</sup> Prática na qual o narrador transmite a partir de um estúdio montado pela própria emissora e, dentro dele, observa e descreve as imagens do evento esportivo que chegam através de um aparelho de televisão. Essa é uma alternativa utilizada tanto no rádio quanto na própria televisão para amenizar custos de deslocamento da equipe de trabalho até o local do fato que será transmitido e, da mesma forma, ameniza as necessidades técnicas para aquela transmissão. Fonte: [torcedores.com/noticias/2015/04/narracao-offtube-verdades-sobre-a-pratica](https://torcedores.com/noticias/2015/04/narracao-offtube-verdades-sobre-a-pratica) – acessado em 11/01/2021

---

## Descrição dos lances da partida

Narrar, antes de tudo, é se comunicar. E, na base dessa prática, é preciso seguir alguns preceitos básicos que norteiam o entendimento do ouvinte. Um deles, segundo Schinner (2004, p 49) é “descrever algo que se vê”.

A fala dos narradores sobre o que cada jogador faz com a bola é sempre permeada por “onde” esse jogador está e, por consequência, “onde” aquele lance acontece. Nas transmissões da Rádio Gaúcha, o ouvinte é sempre situado geograficamente, isto é, se a jogada acontece pelo lado esquerdo do gramado, lado direito, meio, campo de defesa, campo de ataque, enfim, entre outras denominações. É o que acontece na narração de Gustavo Manhago, por exemplo, no primeiro tempo de Flamengo e Santos.

Os narradores da Gaúcha seguem a norma básica da narração de rádio, estabelecida por Schinner (2015), no qual ele afirma que ela é uma prática mais descritiva, dedicada a falar dos detalhes, como os da posição do campo e das jogadas. Ainda segundo Schinner (2015, p 53), “no rádio, a comunicação é diferenciada e mais descritiva”. O autor utiliza essa definição para estabelecer diferenças entre a narração do rádio e a da televisão, veículo no qual “o que vale é a valorização da imagem” (SCHINNER, 2015, p 53).

Esse somatório de informações sobre a localização das jogadas e, também, sobre quais jogadores se movimentam para dar prosseguimento no lance são um estímulo à imaginação e compõem uma imagem mental mais completa da partida, segundo o apregoado por McLeish (2001). Para McLeish (2001), o grande desafio do profissional de trabalho com a transmissão ao vivo de um evento esportivo é combinar todas as cenas do jogo de modo lógico, como quem organiza as informações para um “amigo cego” criar a imagem mental como máximo de precisão possível.

O jeito descontraído de falar sobre as jogadas aparece em momentos variados das três transmissões analisadas, até mesmo na interação com os colegas. Levar esse clima das ruas, bares e arquibancadas para a linguagem não empobrece a transmissão da Rádio Gaúcha em termos de entendimento. Pelo contrário, a aproximação com o popular é defendida por Brinati (2005), que entende que essas substituições de termos por outros, diferenciados, tornam a transmissão mais leve e clara para quem escuta, inclusive, fazendo a prática da narração mais objetiva. A prática, bastante perceptível na

---

Rádio Gaúcha, é confirmada por Márcio Guerra (2000) como um caminho a ser seguido pelos narradores. “Isso cria um campo de cumplicidade entre torcedor e narrador e vai fazer com que o ouvinte absorva o novo elemento de referência imediatamente” (GUERRA, 2000, p 53).

As estratégias utilizadas pelos narradores para estimular a imaginação do ouvinte são muitas e vão ao encontro do que é orientado por Guerra (2012, p 72), que afirma que “o discurso narrativo vem associado à avaliação”. A negação e adjetivação são para Guerra (2012) estratégias para que os narradores façam uso dessa possibilidade de colocar a opinião própria em meio à descrição fatos. Pedro, Manhago e De Bona opinam sobre jogadores e jogadas durante toda a partida, sem receio de manifestar o que pensam sobre o que acabou de acontecer diante deles.

Na hora de alertar sobre a qualidade de Juan Ramirez, do Bahia, Pedro Ernesto Denardin não busca termos complexos ou técnicos, pelo contrário, vai direto ao ponto. “*Tem que cuidar esse cara aí*”, exalta-se na transmissão o narrador. O mesmo acontece quando uma falta não é marcada a favor do Bahia, mas o árbitro apita para parar a partida porque o jogador ficou caído na grama. “*Ele parou o jogo porque o Gilberto caiu. Ficou caído. Bateu ali com a bunda no chão. Ficou estatelado*”, descreveu Pedro.

Marcelo de Bona, para descrever o comportamento emocional de um jogador Atlético-GO, após ele ter rebatido um lançamento do Grêmio, também usa uma construção de verbal de fácil entendimento. “*O Éder ficou apavorado. Onde é que eu tô, o que é que eu faço?*”, foi a fala de De Bona para dizer que o jogador se perdeu do posicionamento original em campo.

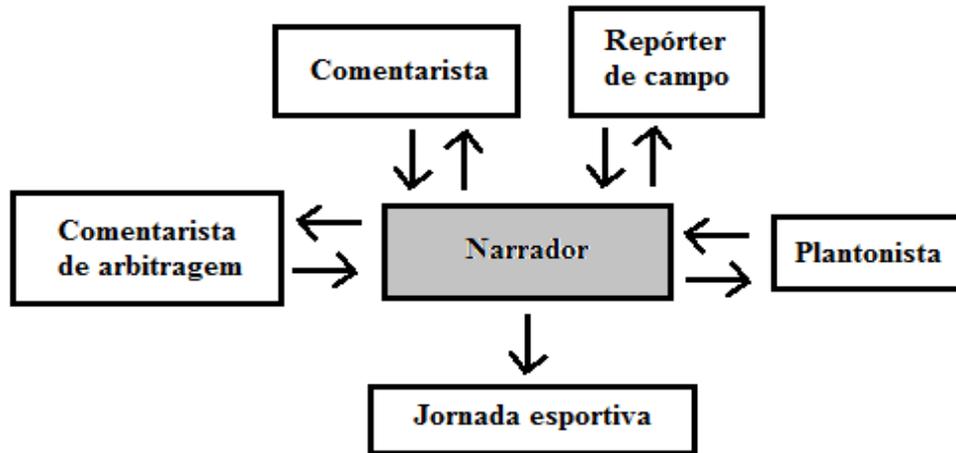
### **O narrador com organizador da jornada**

Como vimos anteriormente, o narrador de futebol é o responsável por comandar toda a jornada esportiva, de acordo com o conceito de Porchat (1993). É ele que organiza a entrada do repórter, comentarista e plantão, além, é óbvio, de ser encarregado de descrever os lances do jogo e ler os textos comerciais. Na Rádio Gaúcha, não é diferente.

Nesse esquema, a organização da participação dos outros integrantes da jornada ocorre de forma semelhante nos três jogos analisados. Conforme o diagrama abaixo,

todas as vozes participantes do tal “grande programa” passam necessariamente pela condução do narrador, que as aciona ou é acionado.

Figura 1 – O narrador como centro da transmissão



Fonte: Autor

Marcelo de Bona também usa as mesmas estratégias para inserção do comentarista. Novamente, neste instante, fica clara uma concepção de Martínez-Costa (1998), de que o narrador no rádio, a partir de século 20, passa a conduzir os relatos informativos. E é isso que De Bona, Pedro e Manhago fazem. Eles chamam o comentarista, os repórteres e o plantão para completar o complexo processo de descrição e compreensão do fato da vez: a partida de futebol.

### Informação e contexto

Ao longo das três transmissões, os narradores da Rádio Gaúcha buscaram deixar claro qual era a importância daquele jogo, o que ele poderia representar para os times envolvidos e, também, paralelamente à narração, mostraram ter domínio das informações sobre o momento enfrentado pelos clubes. Por isso, Barbeiro e Rangel (2006, p 65) são taxativos ao dizer que “a transmissão esportiva nada mais é do que um programa que sai do estúdio e vai para o estádio”. Neste programa, o narrador precisa ser um âncora e, conforme Barbeiro e Rangel (2006, p 66), precisa “conhecer bem a competição que está transmitindo”.

---

Barbeiro e Rangel (2006, p 67) salientam que “é importantíssimo que o narrador tenha conhecimento específico sobre o que está narrando” e, também, “pesquise sempre antes de narrar qualquer evento esportivo”, para enriquecer a transmissão e não ser pego de surpresa por nenhum ocorrido em campo. Na Rádio Gaúcha, os narradores não fazem espetáculo. Eles fazem jornalismo esportivo. Barbeiro e Rangel (2006) diferenciam uma situação da outra. “Muitas vezes a transmissão esportiva é tida como espetáculo porque, em sua maioria, se centra em uma única pessoa, o narrador” (BARBEIRO e RANGEL, 2006, p 66). No entanto, isso não acontece nas transmissões analisadas. Por mais que, realmente, o narrador seja o centro da transmissão, como aponta Ferraretto (2000), ele está inserido no meio de outras vozes que enriquecem o relato a partir do próprio acionamento de Pedro, Manhago e De Bona.

Mesmo que Quadros e Lopez (2012) e Schinner (2015) defendam a necessidade de o comunicador atual de rádio de manter atento às redes sociais, para fortalecer a interatividade, e, ao mesmo tempo, possa saber o que a audiência está comentando sobre os assuntos tratados pelo programa, ou, neste caso, nas transmissões esportivas da Rádio Gaúcha, a participação dos ouvintes fica restrita aos intervalos de partida, com mensagens que chegam pelo WhatsApp da emissora lidas pelo plantonista, geralmente.

## **Conclusão**

Apesar de, hoje, o futebol estar disseminado como um produto das grandes emissoras de televisão e plataformas de streaming pela internet, ele ainda continua muito forte no rádio. Saber que há pessoas no estádio ou em casa, em frente à televisão ou computador, assistindo a partida e, ao mesmo tempo, escutando rádio, não faz com que os três narradores da Rádio Gaúcha se descolem dos conceitos de uma boa transmissão para quem só ouve o jogo.

Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo de Bona carregam consigo muitas semelhanças no que diz respeito ao que é básico da narração. As vozes são diferentes, mas as técnicas utilizadas para se criar a imagem da partida na mente do torcedor são, basicamente, as mesmas.

Fica claro que, na narração dos três profissionais, a localização da jogada dentro do gramado é salientada a todo momento. Além disso, na Rádio Gaúcha, os narradores não fixam os olhos apenas no que acontece com a bola. Os três prestam atenção em tudo

---

o que acontece no entorno da jogada, com qual atleta se movimentava para receber o passe futuro ou quem chega para fazer a marcação do adversário. Isso demonstra a preocupação deles em levar para o ouvinte um panorama de todo o campo.

Mesmo na pandemia, em que esses narradores tiveram que se limitar a descrever as imagens mostradas pela televisão, eles não deixaram de ressaltar aspectos curiosos paralelos a jogada principal, como discussões entre atletas, conversas entre técnicos, quais jogadores foram para a área para tentar a finalização, antes da cobrança de escanteio. Portanto, mais que a bola, Pedro, Manhago e De Bona descrevem o maior número de detalhes do ambiente como um todo.

Também na hora da descrição, os três narradores fazem substituições de termos por outros para facilitar a compreensão dos ouvintes. Termos técnicos dão lugar a palavras de uso popular, para facilitar o entendimento de quem está em casa. O comportamento dos três narradores demonstra que eles buscam sempre o que é simples em detrimento de descrições com termos alongados ou demasiadamente técnicos. Alguns dos termos utilizados são comuns entre os três.

Na Rádio Gaúcha, o narrador também deve opinar sobre os lances. Essa é mais uma estratégia clara para estimular a imaginação do ouvinte. O narrador qualifica o atleta e a jogada positiva ou negativamente e cria uma expectativa alegre ou triste no torcedor. Evidente que esse comentário não é extenso e argumentado como o que é feito pelo comentarista. A opinião é colocada de forma complementar a descrição e provocar emoções de raiva, felicidade, preocupação ou esperança no ouvinte.

Após se ouvir as transmissões, não é difícil de entender o porquê as transmissões de futebol da emissora fazem sucesso. Os narradores buscam o envolvimento com o ouvinte, ao buscar um vocabulário de fácil compreensão e qualificar o jogo, demonstrando sentimento sobre aquilo que descreve. Mas não para por aí. Na Gaúcha, mais que palavras ou opiniões, os narradores utilizam a voz para expressar sentimentos pelo lance.

Na forma como colocam a voz, flexionando-a mais ou menos, Pedro Ernesto Denardin e Marcelo de Bona transmitem preocupação, sustos, vibração e contentamento, por exemplo. Nesse aspecto, reside uma pequena diferença entre os dois e o companheiro Gustavo Manhago, que, por sua vez, não altera tanto a colocação da voz e mantém uma narração mais linear, com tom grave e limpo, mas sem transparecer tanto os sentimentos.

---

O ritmo mantido pela narração é fundamental para a descrição. Com ele o torcedor sabe se há chance de gol ou não. Na Rádio Gaúcha, a fala dos três narradores acelera conforme a bola avança para o campo de ataque ou há um lance de brilho técnico, que causa empolgação, mesmo que seja no meio do campo. O fato é que, quando a jogada tende a ter um desfecho positivo, eles aumentam a quantidade de palavras faladas em um mesmo espaço de tempo.

Mais do que descrever os lances, na Rádio Gaúcha, o narrador precisa saber organizar a transmissão. Cabe a ele ser o condutor deste grande programa chamado jornada esportiva. O narrador é o centro da transmissão, mas ele aciona os companheiros de equipe para completar o relato sobre o evento esportivo, interpretar o que já aconteceu e o que ainda pode acontecer em campo e quais os desfechos que o resultado do confronto pode ter para o decorrer do campeonato.

Em meio a essa coordenação, os narradores da Rádio Gaúcha precisam se manter atentos à leitura de comerciais. Devido à quantidade, é preciso ler pelo menos um texto a cada dois minutos de bola rolando. A grande audiência das transmissões atrai um número igualmente importante de patrocinadores, e eles não podem ser esquecidos ao longo da jornada.

Logo, o narrador precisa ser um sujeito com senso de organização e tempo. Em nenhum desses momentos, acionando todos os companheiros de jornada, ele pode se perder do principal objetivo: criar a imagem do jogo na mente do ouvinte e provocar emoções no torcedor.

Para provocar emoções, Pedro, Manhago e De Bona lançam mão das informações que apuraram antes de a bola rolar. Na Rádio Gaúcha, é necessário que o narrador saiba quais jogadores podem ser vendidos, quais atletas do adversário já atuaram na Dupla Gre-Nal, quem são os dirigentes dos clubes e quais são as possibilidades que eles têm na tabela de classificação. Desta forma, ele consegue passar ao ouvinte a importância da partida.

E o momento do gol deve reunir todas as diretrizes básicas. O narrador tem que descrever onde está a jogada, qualificar o lance, transmitir sentimentos ao torcedor, envolvê-lo na narração e trazê-lo para dentro do estádio.

Portanto, são essas as diretrizes básicas a serem seguidas por quem quer ser um narrador de futebol no rádio. É claro que se tem por base o que é feito em uma emissora e variações podem ser encontradas de empresa para empresa. Porém, na Rádio Gaúcha,

os narradores se afirmam a partir das características observadas acima e, por mais que a direção da emissora não tenha uma linha editorial ou qualquer outro regramento formal para a função de narrador, como garantiram em entrevista, é possível dizer que, sim, há um padrão de narração entre Pedro Ernesto Denardin, Gustavo Manhago e Marcelo de Bona.

## Referências

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BRINATI, Francisco Ângelo. “**Pelas barbas do profeta**”: Silvio Luiz e a busca da identidade da narração futebolística para a tv. Monografia (Graduação em Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF; Facom Juiz de Fora., 2005, 112 f.

CAPINUSSÚ, J. M. **A linguagem popular do futebol**. São Paulo: Abrasa, 1998.

FERRARETTO, Luiz Arthur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 1. Ed. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2000.

GUERRA, Marcio. **Você, ouvinte, é a nossa meta**: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Curitiba: Etc editora, 2002.

\_\_\_\_\_. **Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. 1. Ed. Juiz de Fora: Juizforana Gráfica e Editora, 2012.

MARTÍNEZ-COSTA, Maria Del Pilar. Tipología y funciones del narrador en los relatos radiofónicos. **Comunicación y Cultura**, p 97 a 104. 1998.

MCLEISH, Robert. **Produções de rádio**: um guia abrangente da produção radiofônica. São Paulo: Summus, 2001.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**: introdução à análise de discursos. São Paulo: Hacker, 2002.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de rádio jornalismo Jovem Pan**. 2 Edição. São Paulo: Editora Ática, 1993.

QUADROS, Mirian Redin de; LOPEZ, Debora Cristina. **Rádio e redes sociais**: novas ferramentas para velhos usos? Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 30, p. 166-183, jul. 2014.

SCHINNER, Fernando. **Manual dos locutores esportivos**: como narrar futebol no rádio e na televisão. São Paulo: Editora Panda Books, 2015.

SILVA Ednelson Florentino da. **Narração esportiva no rádio**: subjetividade e singularidade do narrador. Dissertação (Mestre em Linguística), Universidade de Taubaté, Taubaté, 2008. 118 f.

STUMPF, Ida Regina. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2006, pp. 51-61.